



Desenvolvimento em Questão

ISSN: 1678-4855

davidbasso@unijui.edu.br

Universidade Regional do Noroeste do Estado
do Rio Grande do Sul
Brasil

Martinez Guerra, Gilberto Clarício; Yoshie Ichikawa, Elisa
As Representações Sociais da Agroecologia para a Agricultura Familiar a Visão de Pesquisadores,
Extensionistas e Produtores Rurais
Desenvolvimento em Questão, vol. 11, núm. 23, mayo-agosto, 2013, pp. 40-73
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul
Ijuí, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=75227898003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

As Representações Sociais da Agroecologia para a Agricultura Familiar

a Visão de Pesquisadores,
Extensionistas e Produtores Rurais¹

Gilberto Clarício Martinez Guerra²

Elisa Yoshie Ichikawa³

Resumo:

Este artigo tem por objetivo compreender as representações sociais da agroecologia para pesquisadores do Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), extensionistas do Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) e produtores rurais da agricultura familiar. Para tanto usa como base a Teoria das Representações Sociais, e adota um percurso metodológico qualitativo e descritivo. A análise realizada ilustrou as representações sociais da agroecologia para os três atores envolvidos com trabalhos agroecológicos. Notou-se que há grande preocupação com o meio ambiente, com a saúde dos envolvidos e com a complexidade inerente do trabalho agroecológico. Para os agricultores, a principal preocupação é com o retorno financeiro. Encontraram-se representações que retratam preconceitos e descasos que a agroecologia ainda sofre em suas áreas para os três atores implicados. Foi possível concluir que o objeto da representação social ainda possui obstáculos, pelo fato de ir contra a corrente de pensamento vigente.

Palavras-chave: Representações sociais. Agroecologia. Agricultura familiar.

¹ Os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e à Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná pelo suporte dado para a realização do presente estudo.

² Mestre em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração consorciado entre a Universidade Estadual de Maringá e a Universidade Estadual de Londrina. gilbertoguerra2003@hotmail.com

³ Professora do Departamento de Administração da Universidade Estadual de Maringá. Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. eyichikawa@uem.br

**THE SOCIAL REPRESENTATIONS
OF AGROECOLOGY FOR FAMILY FARMING:
the Vision of Researches, Extensionists and Rural Producers**

Abstract:

This article's objective is to understand the social representations of agroecology to lapar researchers, extensionists of Emater and producers of family farming. It has a basis in the Theory of Social Representations, and adopts a methodological qualitative and descriptive approach. The analysis performed illustrated the social representations of agroecology for the three actors involved in agroecological work. It was noted that there is great concern with the environment, the health of those involved and the inherent complexity of the work of agroecology. For the producers, the main concern is the financial return. It was founded representations that depict negligence and prejudices that agroecology still suffers in their areas for the three actors involved. It was concluded that the object of social representation still has obstacles, for going against the prevailing current of thought.

Keywords: Social representations. Agroecology. Family farming.

No Brasil, no início da década de 60 do século passado, houve uma expansão da produção industrial. Grandes alterações na forma de produzir e na relação do setor agrícola com os demais segmentos da sociedade ocorreram. Com a chamada Revolução Verde, iniciou-se o uso de sementes melhoradas geneticamente (estéreis em sua maioria), agrotóxicos e adubos químicos que, embora representassem a modernidade do sistema produtivo, causaram e continuam causando danos ambientais. Isso levou à exclusão social do pequeno produtor rural familiar que, para acompanhar este avanço da modernidade, contraiu dívidas além da possibilidade de pagamento e problemas de saúde decorrentes do uso dos produtos químicos já mencionados (Andrade; Mesquita, 2003; Montoya; Guilhoto, 2001; Santos, 2001).

A modernização da agricultura familiar brasileira, via Revolução Verde, veio aumentar mais ainda as diferenças sociais entre os grandes e os pequenos produtores rurais, que segundo Lamarche (1993), já nasceu em situação precária nos âmbitos jurídico, econômico e social, surgindo no interior das grandes propriedades ou em pequenas aglomerações razoavelmente concentradas, tendo uma dependência ante a grande propriedade ou com o centro urbano.

Para superar esses desafios o agricultor familiar adota estratégias e age ativamente, mas de acordo com suas limitações. Dentre as ações que o agricultor familiar pratica estão a participação em projetos de políticas públicas, a aliança com órgãos de extensão rural governamentais e a busca por soluções alternativas para os problemas originados pela modernidade. Pode-se citar como um exemplo dessa busca a produção de alimentos orgânicos (Tedesco, 2001).

De acordo com Andrade e Mesquita (2003), o processo de credibilidade de produtos orgânicos começou em meados de 1980, no Brasil, com a iniciativa de cooperativas de consumidores e produtores desses alimentos. Apenas a partir de 1990 tem início a normatização/regulação da produção e

comercialização dos produtos orgânicos no país, tendo sua maior produção na Região Sul, e de acordo com Emater (2008, 2009), no Paraná a produção orgânica entre as safras de 1996/97 e 2006/07 cresceu mais de 1.630%, ultrapassando o número de 5.300 produtores orgânicos.

Segundo Caporal e Costabeber (2002), a agroecologia é uma ciência que estabelece as bases para a construção de estilos e estratégias para o desenvolvimento rural sustentável, enfocando o apoio à transição dos atuais modelos de agricultura e desenvolvimentos convencionais (dependentes de recursos não renováveis) para o estilo de agricultura e desenvolvimento sustentáveis. Assim, além de possibilitar produtos de qualidade biológica superior, também atende a requisitos sociais como: consideração dos aspectos culturais, preservação dos recursos ambientais, apoio à participação política de seus atores e permite a obtenção de resultados econômicos favoráveis, tanto no presente quanto no longo prazo.

No Paraná, nesse contexto, alguns atores são referências quando se fala em pesquisa, difusão e prática da produção agroecológica. O Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar) realiza muitas das pesquisas agroecológicas no Estado, por meio do Programa de Pesquisa em Agroecologia (PAG) e são os extensionistas rurais do Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) que realizam as ações de orientação para converter os agricultores convencionais em agroecológicos. O agricultor, principalmente o familiar, é aquele que recebe as orientações dos extensionistas do Emater no tocante à agroecologia.

Esses três atores passam por processos diferentes até internalizarem totalmente e formarem o seu próprio conceito sobre a agroecologia. Para estudar esse processo este artigo tem por objetivo compreender as representações sociais da agroecologia para pesquisadores do Iapar, extensionistas do Emater e produtores rurais da agricultura familiar que trabalham com ela.

Teoria das Representações Sociais

A Teoria das Representações Sociais (TRS) é estudada pela Psicologia Social, que se localiza no cruzamento entre as Ciências Psicológicas e as Ciências Sociais. Ela se articula tanto com a vida coletiva como com os processos de constituição simbólica para a construção da identidade social, por meio do entendimento do mundo (Jovchelovitch, 2002).

A vitalidade que a Teoria das Representações Sociais possui, de acordo com Jodelet (2001), está relacionada com o seu histórico que, segundo Moscovici (2001), inicia-se como um fenômeno marcante das Ciências Sociais na França, com o conceito de Durkheim, de representação coletiva, mas saiu de evidência por quase meio século. Por volta de 1961, Moscovici retoma o estudo das representações e desperta o interesse dos demais estudiosos da Psicologia Social.

De acordo com Moscovici (1978), as representações são compostas de figuras e de expressões socializadas, organizando as imagens e a linguagem. Ela é apreendida como um reflexo na mente individual ou coletiva, de um objeto, de um feixe de ideias que são exteriores à mente do indivíduo. Essa reprodução implica um remanejamento das estruturas, uma remodelação dos elementos, uma reconstrução dos dados no contexto dos valores, das noções e das regras. Representar é “edificar uma doutrina que facilite a tarefa de decifrar, predizer ou antecipar os seus atos” (Moscovici, 1978, p. 27).

Para Jodelet (2001, p. 8), a representação social é “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e compartilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Minayo (1996, p. 159) observa que este “termo se refere a categorias de pensamento através das quais determinada sociedade elabora e expressa sua realidade”.

Formar uma representação sobre um objeto ou sujeito é vinculá-los a um sistema de valores, de noções e práticas que mostram aos indivíduos como se orientarem e dominarem o meio social e material. É também um veículo para as trocas e de código para denominar e classificar as partes de seu mundo, de sua história individual ou coletiva. É orientada para a oposição radical entre o futuro e o passado, a abertura sobre a vida, apresentando uma tendência à introversão e separação da sociedade em classes (Moscovici, 1978).

Na visão de Moscovici (2004), as representações possuem duas funções:

- a) Convencionalizam os objetos, pessoas ou fatos que encontram. Dão forma definitiva, localizam-nas em uma categoria e gradativamente as colocam como modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um conjunto de pessoas. Mesmo quando uma determinada pessoa ou objeto não se enquadra exatamente ao modelo, força-se para que assuma determinada forma e se torne idêntico aos outros para ser compreendido e decodificado.

O ser humano pensa por meio de uma linguagem, organiza seus pensamentos por intermédio de um sistema em que está condicionado pelas representações e pela cultura. É visto apenas o que as condições permitem ver, com essas convenções permanecendo inconscientes (Moscovici, 2004). Podem ser elaboradas por ideólogos e filósofos de uma época, mas transcendem esse grupo e o tempo, e se reproduzem pela estrutura e pelas próprias categorias de pensamento do coletivo e tornam-se uma mistura de ideias das elites, das massas, filósofos, correntes e expressões das contradições vividas no plano das relações sociais e da produção, estando presentes elementos de dominação e resistência, contradições e conformismo (Minayo, 2002). Quando as pessoas associam um determinado sintoma a uma doença, ou quando associam uma mudança de cor com um sinal específico, está se realizando convencionalizações (Moscovici, 2004).

b) As representações são prescritivas, pois se impõem aos homens como uma força irresistível. Combinam uma estrutura que está presente antes do nascimento da atual geração e uma tradição que decreta o que deve ser pensado. “O poder e a claridade peculiares das representações derivam do sucesso com que elas controlam a realidade de hoje através da de ontem e da continuidade que isso pressupõe” (Moscovici, 2004, p. 38). Depois de criadas, elas adquirem vida própria, circulam, encontram-se, atraem-se, repelem-se, causam o surgimento de novas representações, enquanto velhas representações desaparecem. Quanto menos as representações são conscientes, maior se torna a sua influência.

Jovchelovitch (2000) acrescenta que as representações sociais envolvem a cognição (conhecer o mundo de certo modo), os afetos (desejo e/ou paixão de saber ou não saber sobre o objeto) e a ação (práticas sociais). A cognição envolve formas de saber e fazer, que são parte de uma cultura popular, erudita e científica, dando significado à realidade do indivíduo. Os afetos envolvem desejo e a paixão de se saber algo, ou sobre o objeto do saber. Assim, não é possível estudar as representações sociais apenas por meio de mapas cognitivos. A ação é impulsionada pela cognição e pelos afetos que as pessoas expressam.

A Teoria das Representações Sociais analisa as representações sociais no nível grupal do fenômeno, e os indivíduos são membros dos grupos sociais, não podendo estes ser reduzidos ao nível do indivíduo, pois as representações sociais não são um agregado de mentes individuais e, sim, um reflexo dos processos sociais que tomam lugar entre os membros de uma unidade social, descrevendo o mundo socialmente construído da perspectiva de grupos diferenciados pelas suas posições e ações sobre um objeto social particular (Raudsepp, 2005).

Moscovici (1978) menciona que a representação social é sempre representação de algum objeto e de algum sujeito manifestando suas características, podendo possuir uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações), tornando-a uma construção e uma expressão do sujeito.

Formação das Representações Sociais

Jovchelovitch (2000, 2002) argumenta que o ser humano constrói um novo mundo de significados devido a sua relação com o mundo. É pelas relações com outros seres humanos que as representações emergem, e essas representações possibilitam a existência de símbolos, que podem ser considerados pedaços da realidade social criados pelas atividades do sujeito para dar sentido e formar o meio ambiente que o rodeia.

Segundo Moscovici (1978), no processo de comunicação, as informações são alteradas, pois elas se diferenciam, traduzem, interpretam e combinam, da mesma forma que os grupos inventam ou interpretam os objetos sociais ou as representações de outros grupos. Assim, as palavras podem mudar de sentido, gramática, regras e os conteúdos adotam outras formas:

As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano. A maioria das relações sociais estabelecidas, os objetos produzidos ou consumidos, as comunicações trocadas, delas estão impregnados (p. 41).

Para Jovchelovitch (2000, 2002), as representações sociais não apenas surgem das mediações sociais, como acabam se tornando as próprias mediações sociais. As representações sociais dependem da coletividade para surgirem, pois elas não teriam nenhuma utilidade em uma realidade na qual os seres humanos vivessem isoladamente.

Moscovici (1978, 2004) cita que uma representação social constrói-se a partir de dois processos fundamentais: a objetivação e a amarração. A amarração e a objetivação são maneiras de lidar com a memória que mantém as representações sociais. A primeira mantém a memória em movimento, dirigindo-a para dentro, colando e retirando objetos, acontecimentos e pessoas, classificando-as e nomeando-as. A segunda retira conceitos e imagens dos outros para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior (Moscovici, 2004). Ao objetivar, absorve-se um excesso de significações, materializando-as e transplantando, para o nível da observação, o que era apenas inferência ou símbolos (Moscovici, 1978).

A objetivação torna real um esquema conceitual, dando à imagem uma referência material, originando uma flexibilidade cognitiva; reabsorve o excesso de significações, materializando-as. Nesse processo a observação dos homens torna-se testemunho dos sentidos e o universo desconhecido mostra-se familiar a todos. O autor chama esse processo de “coisificação”, transformação de ideias em coisas fora da mentalidade do indivíduo, é pros-crita na lógica da ciência e em partes do senso comum. Berger e Luckmann (1996) enfatizam a importância da significação, produção humana de sinais, durante a objetivação, pois cria índices acessíveis de significados subjetivos do aqui e agora, sendo as mais comuns as significações linguísticas.

O entendimento desse processo precisa de um duplo esforço, no qual o primeiro é um salto no imaginário, transportando elementos objetivos para o meio cognitivo, preparando para ele uma mudança nas fundações de *status* e função. O segundo esforço é o de classificação, que coloca e organiza as partes do meio ambiente introduzindo uma ordem que se adapta a uma ordem preexistente, diminuindo o impacto das mudanças, sendo uma necessidade fisiológica para determinar os elementos que são sensorial ou intelectualmente acessíveis (Moscovici, 1978).

De acordo com Moscovici (1978, p. 173), a “amarração designa a firme inserção de uma ciência na hierarquia de valores e entre as operações realizadas pela sociedade”. Por meio desse processo, a sociedade converte

o objeto social em um instrumento acessível e transforma a ciência em um quadro de referência em rede de significações. “A objetivação transfere a ciência para o domínio do ser e a amarração a delimita ao domínio do fazer, a fim de contornar o interdito de comunicação” (p. 174).

Já Jovchelovitch (2000, p. 81) chama de objetificação e ancoragem as formas específicas de mediação social das representações sociais, “que elevam para um nível ‘material’ a produção simbólica de uma comunidade”, concretizando as representações sociais. Objetivar é transformar o familiar em não familiar, ancorando, assim, o desconhecido em uma realidade já institucionalizada, deslocando ou alterando os significados estabelecidos que as sociedades tentam perpetuar.

Percurso Metodológico

Segundo Bauer e Gaskell (2004), a pesquisa social possui interesse em estudar a expressão espontânea das pessoas, o que é importante para elas, e como elas pensam sobre suas ações e as dos outros. Sendo assim, a natureza da presente pesquisa é qualitativa. Flick (2004) acrescenta que a mudança social acelerada e a consequente diversificação de esferas da vida trazem novos contextos e perspectivas sociais nos quais os métodos dedutivos tradicionais não obtêm sucesso. Godoi e Balsini (2006) complementam que a perspectiva qualitativa se ocupa das formas simbólicas e se interessa pelo caráter comunicativo de mediador e formador das experiências e necessidades sociais. Esta investigação também possui caráter descritivo, pois busca descrever os fenômenos de determinada realidade, buscando conhecer seus traços característicos, suas gentes, seus problemas, seus valores, etc.

Particularmente, a pesquisa ora realizada se refere à realidade do município de Umuarama. De todo o universo da agroecologia no Paraná, as cidades do Noroeste do Estado apresentam grande homogeneidade referente ao cultivo de produtos orgânicos, não tendo variações significativas em quantidade de produtores, qualidade dos produtos ou tempo de produção,

principalmente devido ao fato de o programa pioneiro agroecológico do Paraná, o PAG, ter sido lançado apenas em 2004. Dessa forma, optou-se por realizar o estudo com os agricultores familiares na cidade de Umuarama, a qual apresenta todas as características existentes também nas demais cidades da Região Noroeste, como o tempo de produção dos agricultores familiares e tempo de experiência dos extensionistas do Emater. Já a amostragem dos pesquisadores do Iapar precisou ser retirada daqueles que possuem trabalhos relevantes dentro do PAG e daqueles que atuam exclusivamente no Programa; e a amostragem dos extensionistas do Emater foi retirada das cidades pertencentes à região administrativa do Emater de Umuarama (Umuarama, Cianorte, Altônia, Francisco Alves, Alto Piquiri e Cruzeiro do Oeste), para assim entrevistar os profissionais que atuam diretamente na assistência aos agricultores familiares escolhidos.

No total foram entrevistados nove agricultores familiares com certificação orgânica, dos quais quatro produzem predominantemente hortaliças e cinco preponderantemente acerola. Todos os entrevistados possuem certificação orgânica há pelo menos cinco anos. Os extensionistas escolhidos para a realização das entrevistas foram cinco, e em todos os casos as entrevistas foram realizadas no local de trabalho. Já as entrevistas com os pesquisadores do Iapar foram realizadas na cidade de Londrina, na sede do Iapar, com os seis pesquisadores do PAG.

Devido ao compromisso de não identificação dos entrevistados selecionados no presente trabalho, foram adotados nomes fictícios: para os agricultores iniciados com a letra A, para, assim, facilitar a associação com a palavra agricultor; para os extensionistas do Emater iniciados com a letra E para, assim, facilitar a associação com a palavra extensionista e, por coincidência, Emater. Para os pesquisadores do Iapar: todos iniciados com a letra P, para, assim, facilitar a associação com a palavra pesquisador.

A interpretação dos dados foi realizada da forma como sugere Spink (1998):

1. Transcrição da entrevista.
2. Leitura flutuante do material e escuta do material gravado, ficando atento a características como: variação (versões contraditórias), detalhes sutis (silêncio, lapsos, demonstrações afetivas) e a retórica (organização do discurso que argumenta contra ou a favor de uma versão dos fatos).
3. Após apreender os aspectos mais gerais da construção do discurso, é necessário retornar aos objetivos da pesquisa e definir claramente o objeto da representação.
4. Deixar que categorias – elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionem entre si – emergjam das narrativas dos entrevistados.
5. Passar as associações para uma figura, mostrando o relacionamento entre os elementos cognitivos e os investimentos afetivos.

As Representações Sociais da Agroecologia para os Atores Envolvidos

Neste momento, as representações sociais da agroecologia que emergiram das entrevistas são apresentadas.

As Representações Sociais da Agroecologia para os Pesquisadores

Busca da sustentabilidade e equilíbrio

Agroecologia tem um pilar, que é a sustentabilidade econômica, tem outro pilar, que é a questão social, bem-estar do agricultor, e o terceiro pilar que é a questão ambiental. Existem outros dois pilares que são importantes, que são as questões culturais, as tradições dos agricultores e também a questão política, a vivência política do agricultor na comunidade, dele estar participando ativamente (Paulo).

No grupo de pesquisadores prevalece uma perspectiva da agroecologia, que a caracteriza como uma base para realizar trabalhos voltados para a sustentabilidade e o equilíbrio. A definição exposta por eles assemelha-se muito à definição dada por Caporal e Costabeber (2002), utilizada no presente trabalho na introdução.

A visão de Pedro sobre o objeto da representação revela também uma preocupação com aspectos técnicos como a não utilização de agrotóxicos e adubos químicos, que são dois dos principais “vilões” do sistema convencional de produção. Em contrapartida, Pedro também cita as técnicas alternativas possíveis para prezar a sustentabilidade, além de dar importância ao agricultor familiar, que antes de ser um agente econômico, é um ser humano que possui necessidades e é importante para o processo de transição:

(...) vai considerar o trabalhador homem do campo como uma... algo não simplesmente um agente econômico, mas um ser que vai ter suas necessidades, e vai fazer parte de uma situação não apenas como um agente produtor, mas será uma pessoa que está ali fazendo um papel e vivenciando isso, e isso de alguma forma deveria estar sendo considerado, quando se vai avaliar a propriedade também, o agricultor faria parte enquanto indivíduo, né? (Pedro).

Por sua vez, Patrícia entende que agroecologia é produzir alimentos buscando o equilíbrio da natureza, valor econômico e social. Menciona que o aspecto econômico é imprescindível para que os produtores rurais optem por este sistema, pelo menos como atrativo inicial: “Então, tem que estar aplicado ao ambiente, valores do meio ambiente, os valores econômicos, que é importante, ninguém vai fazer agroecologia só porque é bom pro ambiente” (Patrícia).

Uma agricultura natural que respeite as relações existentes no meio ambiente, desde os patógenos, até as plantas e animais, modificando o que seja possível para que se possa ter um valor econômico. Esta é a visão que Pilar possui sobre a agroecologia, que complementa o raciocínio dos demais

pesquisadores: “A agroecologia tenta fazer a agricultura imitando esses ecossistemas naturais e modificando para conduzir a um maior retorno, a um determinado produto e às coisas que se quer desse ambiente” (Pilar).

Também é importante ressaltar a diferença do sistema agroecológico de produção agrícola com o sistema convencional que consta nas representações dos atores analisados neste tópico. Patrícia alerta que é necessário usar abordagem sistêmica para compreender toda a complexidade da produção de base orgânica. Primeiramente, é preciso equilibrar o ambiente para que não ocorram perturbações e, quando ocorrerem, algo que é certo, pois também ocorrem na natureza, usam-se métodos menos agressivos. No sistema convencional, o ambiente continua desequilibrado, e utilizam-se métodos curativos para continuar a contornar os problemas que são bem mais frequentes.

Pedro descreve a situação que ocorre no sistema convencional, quando a produção rural não tem preocupação com a natureza, o solo fica desgastado e o sistema torna-se insustentável. Na citação exposta percebe-se que as ações insustentáveis estão institucionalizadas há gerações, com o agricultor acreditando que esta é a forma correta de se produzir. Mesmo antes da Revolução Verde e popularização dos produtos químicos, práticas degradantes já eram realizadas: “Então, se a gente considerar o agricultor da década de 60, 70, eles eram altamente degradantes e insustentáveis, o pessoal vinha, botava fogo, derrubava a mata, nada de agroecológico, o pessoal não usava veneno porque não tinha acesso a veneno” (Pedro).

Como se percebe, o discurso do equilíbrio e sustentabilidade tem alta frequência no grupo de pesquisadores, fazendo parte de seu cotidiano profissional. No geral, os pesquisadores apresentaram uma atitude discursiva afinada com a ideia de buscar equilíbrio e sustentabilidade por meio de suas pesquisas, pelo fato de os pesquisadores estarem iniciando um novo programa de pesquisa, o PAG, e pela ciência da agroecologia ainda ser um conhecimento em construção. Isso originou a representação social da agroecologia como um meio de *busca da sustentabilidade e equilíbrio*.

Sem receitas, sem soluções milagrosas

De acordo com Paulo, a complexidade que envolve a agroecologia faz com que seja muito difícil passar receitas para os demais atores, algo que eles sentem falta, pois dificulta seu trabalho e foge de seu costume. O método convencional de produção é muito mais prático e fácil, embora deixe o ambiente em desequilíbrio:

A agroecologia é complexa, você tem muita dificuldade em passar uma receita que sirva pra todo mundo. Então, a extensão sente falta de uma coisa mais elaborada como acontece com a indústria tradicional de agroquímico, então você passa um tanto de veneno por hectare que vai matar tudo e resolver o problema, e justamente a agroecologia trabalha muito a questão do sistema do ambiente (Paulo).

Patrícia também ressalta a complexidade do modelo agroecológico, no qual muitas das técnicas utilizadas não possuem comprovação científica, vindas do conhecimento cotidiano do agricultor familiar. Embora tal conhecimento seja importante, os pesquisadores possuem a tarefa de testar muitas destas práticas cientificamente para saber o que é superstição e o que realmente funciona. Estes testes tornam-se ainda mais difíceis, pois técnicas experimentadas em uma localidade específica podem não funcionar em um local diferente. É necessário considerar a variabilidade do ambiente e a individualidade do agricultor. “Existe muita variabilidade, cada região é de um jeito, cada solo é de um jeito, cada planta é de um jeito, cada agricultor é de um jeito, cada propriedade é de um jeito, então o que pode funcionar em um lugar pode não funcionar no outro, entendeu?” (Patrícia).

Outro fator de complexidade mencionado por Pilar é que as soluções conseguidas por meios agroecológicos em um momento podem não funcionar em um próximo, e nem durarão para sempre. Com todos estes fatores expostos, percebe-se que o uso da mão de obra nas propriedades agroecológicas é maior do que nas convencionais.

Pedro compreende a atratividade do sistema convencional proporcionado pelas soluções existentes, mesmo que parciais ou falhas, mas existe um padrão de reação. Já para o sistema agroecológico, existe certa imprevisibilidade. A demora para se encontrar a solução adequada em propriedades agroecológicas pode fazer com que o agricultor passe por grandes dificuldades. Para superar este desafio é necessária uma maior quantidade de pesquisas, o que apenas seria possível com mais pesquisadores. Para trabalhar com o sistema agroecológico o pesquisador precisa possuir grande conhecimento na área e saber enxergar o ambiente de forma holística.

Esta complexidade tão citada pelos pesquisadores também se reflete na própria ação de pesquisa. As abordagens científicas comumente aceitas nas Ciências Agrárias muitas vezes não são apropriadas para pesquisas na área da agroecologia. A variabilidade dos sistemas também pode tornar os resultados não generalizáveis para outros contextos.

Tem dificuldade em relação a ferramentas de análises, as mais usadas não são tão apropriadas pra agroecologia, então tem que se buscar outras ferramentas que não estamos acostumados a usar pra análise dos dados, uma dificuldade também é que sistemas agroecológicos não são padrões, cada sistema é um sistema, não existem repetições como ocorre na agricultura convencional (Poliana).

Para os pesquisadores, portanto, a ciência da agroecologia é muito complexa, necessitando de muito trabalho e esforço conjunto. Faz parte da realidade cotidiana desses atores a busca de soluções para os problemas enfrentados nas propriedades agroecológicas, mesmo sabendo que não serão encontradas receitas genéricas. A solução mais adequada é aquela que trata do ambiente como um todo, sem prejudicar seu equilíbrio, e que resolva o problema do agricultor, mesmo que não seja de forma permanente. Isso é consenso entre todos os pesquisadores da área e está inserido em suas

atividades profissionais. Assim, o método de trabalho e de pesquisa agroecológico se encaixa nessa visão socialmente representada pela figura: *Sem receitas, sem soluções milagrosas.*

Ciência subestimada e malcompreendida

Este novo paradigma das Ciências Agrárias, assim como ocorre/ocorreu em outras áreas científicas, provoca uma aversão nas mentes mais conservadoras, o que gera um desinteresse por sua compreensão. Pedro expõe que a falta de afinidade pela proposta agroecológica é um fator limitante que precisa ser considerado, pois muitas vezes é necessário trabalhar em conjunto com áreas de pesquisa que estudam apenas o sistema convencional:

Existe também certa dificuldade *na* qual os colegas de trabalho não se afinam, não consideram válida a nossa proposta, (...) às vezes nós vamos encontrar pesquisadores que simpatizam, esses dispõem, e outros que às vezes não se dispõem a colaborar porque não acreditam na forma que será conduzido o trabalho, sem produtos químicos e tudo mais (Pedro).

Poliana menciona que a não possibilidade de uma análise dividida em partes e da consideração do homem do campo na pesquisa é um dos fatores que gera divergência entre as áreas de pesquisa. O conflito de interesses que a ciência agroecológica gera e que será visto com mais detalhes pouco mais à frente também já está presente em seu discurso.

A ciência agroecológica também é subestimada por outras instituições do governo, que não colaboram com as ações agroecológicas da forma que poderiam fazê-lo. Devido à grande complexidade do processo de transição do sistema convencional para o agroecológico, uma maior ajuda de determinadas entidades poderia tornar o processo menos penoso para os envolvidos, assim como aumentar o número de interessados pela mudança de sistema

de produção rural. Para Priscila, uma atuação mais ativa da Secretaria de Agricultura poderia ajudar em diversos aspectos como: treinamento, disponibilização de ferramentas e outros incentivos.

Entre os fatores agravantes da má-vontade de compreensão dos atores mencionados pelos pesquisadores está o conflito de interesses com o setor de agronegócios. Enquanto este setor quer manter o sistema convencional para vender mais adubos e venenos químicos, o sistema agroecológico vai na direção oposta. Como o setor do agronegócio possui recursos milionários, os incentivos que eles podem fornecer, mesmo que indiretamente, estão em uma maior escala de medida, ficando com o sistema agroecológico apenas aqueles que gostam de se dedicar a esta área, como é percebido pelo discurso de Paulo:

(...) as multinacionais, elas de uma forma indireta, elas incentivam a pesquisa tradicional e na agroecologia não há esse incentivo, é justamente mais para o próprio... pela dedicação que o pesquisador tem por essa área e que ele tá convencido de que esse tipo de espaço é muito importante para se trabalhar (Paulo).

A subestimação e falta de interesse para seguir nesta área vem desde a universidade, na qual tantos os professores quanto os alunos possuem certo preconceito. Em muitos casos apenas por interesse e dedicação pessoal é possível adquirir conhecimento na ciência agroecológica:

(...) tanto da parte de professores esse interesse é reduzido, e também da parte dos alunos, dos colegas também é assim, é visto meio que com certo preconceito, e é uma visão diferente da agricultura convencional. Então, não é tão produtivista, o convencional seria assim, a agricultura é uma indústria a céu aberto, isso é uma coisa que se ouve lá na faculdade, e dentro da agroecologia isso é a maior besteira, e pra quem tem essa visão de que a agricultura é uma indústria a céu aberto, quem trabalha com agroecologia está fazendo uma grande besteira. Então é isso, se na

faculdade não for por interesse pessoal, de ir atrás e participar de algum grupo, não vai ter muita informação, não vai ter muito conhecimento disso, né? (Pilar).

Muito se progrediu desde o início do PAG, entretanto é apenas o início do caminho. Pelos obstáculos e falta de colaboração ainda encontrados, assim como a hesitação de muitos atores participantes das pesquisas a mudarem a sua perspectiva, a representação social encontrada foi a da agroecologia como: *ciência subestimada e malcompreendida*.

As Representações Sociais da Agroecologia para os Extensionistas

Harmonia com o meio ambiente

De forma similar aos pesquisadores, a agroecologia, para os extensionistas, é percebida como uma forma de se trabalhar em união com a natureza. Saber respeitar os limites dos recursos naturais é importante para se obter a sustentabilidade. O objetivo não é necessariamente salvar o meio ambiente e, sim, não destruí-lo enquanto o agricultor produz os alimentos. Emerson comenta:

Agroecologia, pra mim, é uma forma de você *tá* relacionando ou explorando a tua propriedade de uma forma... inteira, ou seja, por uma forma, por assim dizer: orgânica, relacionando todos os aspectos e preservando o meio ambiente, fazendo as intervenções nela da forma mais harmônica possível e preservando o meio ambiente. Pra mim, isso é agroecologia, considerando a exploração, o ambiente e o homem que nele vive (Emerson).

Everaldo, Edinei e Elaine concordam com o comentário de Emerson, e acrescentam que respeito com o meio ambiente e os seres vivos também é necessário. Percebe-se, pelos relatos, a intensidade com que o mesmo discurso predomina no grupo dos extensionistas entrevistados. As ideias de harmonia, equilíbrio e respeito são passadas aos produtores rurais por

meio de orientações práticas, objetivando literalmente recuperar a “vida do solo”, fazendo com que sua microbiologia volte a atuar, possibilitando à planta alimentar-se melhor e se harmonizar com o solo. O respeito tão mencionado é aplicado até mesmo com aqueles que se acostumaram a ser vistos como inimigos do agricultor: insetos, pragas e doenças não precisam ser exterminados e, sim, apenas controlados, para que não prejudiquem toda a produção:

Você deveria novamente equilibrar o solo, principalmente do ponto de vista de vida no solo (...). Ela (a planta), naturalmente tem como responder, como se defender, tem mecanismos próprios de defesa pra resistir a pragas e doenças; outra parte que a gente trabalha, seria a parte do convívio com doenças e pragas, e colocar algumas estratégias para isso, necessariamente você não precisa acabar com a praga, o produtor, durante vários tempos, foi colocado para ele que ele tem que passar alguma coisa e a praga tem que cair, tem que morrer o inseto, ou a doença tem que passar, tem que acabar, necessariamente não é isso (Emerson).

Eduardo expõe que devolver a vida ao solo é um processo demorado, que necessita de paciência, entretanto depois de alcançado o equilíbrio a produção começa a ser mais rápida e com maior qualidade. Neste processo não podem ser utilizados agrotóxicos ou agroquímicos, pois trazem graves consequências para o solo, podendo fazer o agricultor perder todo o avanço na transição agroecológica que havia conseguido.

Paciência e respeito são características relacionadas com a produção agroecológica. Segundo Emerson, para estar em harmonia com a natureza é necessário respeitar os seus ciclos. Cada produto possui uma época específica em que o ambiente é mais propício, sem precisar forçar a produção. O homem não pode forçar o ambiente a se adaptar a ele, mas é o homem que precisa se adaptar às condições do ambiente, como estações do ano, clima e ciclos: “Antes eu achava que... e até recomendava tomate o ano inteiro. Não! Hoje a gente recomenda mais na parte do inverno, e pra que que eu vou brigar pra plantar tomate no calor, se não vai dar?” (Emerson).

Entre os principais interesses do extensionista ao optar pelo sistema agroecológico é parar de usar o método convencional de produção agrícola, por ser mais agressivo. Segundo Edinei, trabalhar e respeitar a natureza são atitudes conciliáveis, que dependem apenas da opção de cada um. É perfeitamente possível produzir alimentos sem envenenar a terra no processo: “Não é uma receita de bolo, mas dá pra se trabalhar e se produzir respeitando o que a natureza tem a oferecer, tanto em viabilidade, como do saudável, né?” (Edinei).

As falas mostram uma real preocupação com a sustentabilidade do processo produtivo, em detrimento de uma visão voltada para a quantidade, volume de produção e maximização de receita. Respeitar o meio ambiente é necessário para o bem das gerações futuras. O aprendizado do convívio com aqueles que eram declarados inimigos do agricultor, como pragas e insetos, é um dos exemplos mais radicais da mudança de mentalidade necessária para se atingir o *status* de orgânico. Sendo assim, o sistema agroecológico é a forma de o agricultor ficar em paz com a natureza, construindo uma representação compartilhada socialmente, de um caminho para ficar em *Harmonia com o meio ambiente*.

Técnica que sofre preconceitos e descasos

Da mesma forma que ocorre com os pesquisadores, a técnica de produção agroecológica sofre preconceitos por parte dos profissionais da área de extensão convencional, que são maioria absoluta. Isso origina uma grande limitação para a atuação dos profissionais agroecológicos, prejudicando, principalmente, a difusão do conhecimento prático.

O extensionista que orienta os produtores agroecológicos precisa possuir autoconfiança e não se importar em sofrer críticas, que são muito comuns, existindo até mesmo uma rivalidade entre eles, como é explicado por Emerson:

(...) mas no meio técnico tem muita restrição, se não fosse a gente ter aí 25 anos de formado e ser seguro, já ter um tanto de idade, a gente poderia se abalar, dependendo do que a gente fala em alguns meios, você ainda é visto como um “ET”, você ainda tem muita restrição, tem muita gente que duvida, que você está marchando fora do contexto do batalhão, tem muito preconceito ainda. E preconceito talvez seja a palavra certa, pois o pessoal não entende e não aceita, ou então faz algumas restrições, mas não procura entender, eu consigo ver bem isso daí, porque eu também era desse jeito (Emerson).

Emerson mesmo, no entanto, expõe que é possível converter um extensionista convencional em agroecológico. Ele é um exemplo de alguém que duvidava e criticava, mas que manteve a mente aberta para compreender a complexidade das técnicas agroecológicas.

Quando questionado sobre o crescimento da aplicação das técnicas agroecológicas, Eduardo menciona que está caminhando muito devagar, mas que seria diferente se o governo propiciasse treinamento para os extensionistas e orientação para o consumidor sobre as diferenças entre os produtos orgânicos e os convencionais. A escassez de extensionistas capacitados para orientar produtores agroecológicos também é abordada por Elaine. Escassez esta que é consequência da falta de interesse dos profissionais da área em tentar compreender as técnicas agroecológicas de produção.

(...) só que a gente percebe a carência no nível de assistência técnica pra esse pessoal que trabalha com orgânico, porque são poucos técnicos que trabalham com isso, né? No Emater mesmo são poucos, não é todo município que tem um agrônomo, um técnico que saiba o que a pessoa pode fazer, que saiba dar uma instrução pra ela (Elaine).

Eduardo reforça a indignação com a falta de incentivo do governo e destaca que, devido ao descaso com a técnica agroecológica, o extensionista precisa também orientar o produtor convencional, passando técnicas que o extensionista sabe que não são corretas, mas que são a única alternativa para esse agricultor.

O desejo dos extensionistas é poder usar mais o seu tempo com a agroecologia, algo impossível devido à superior proporção dos agricultores convencionais, um quadro que dificilmente se reverterá sem maiores atitudes do governo, pois é necessário divulgar, incentivar e capacitar, para que tanto os agrônomos como os agricultores se interessem pela agroecologia.

A falta de divulgação é vista como um dos principais motivos para o preconceito e o descaso da população em geral. Edinei afirma conhecer alguns programas do governo voltados para essa área, mas segundo ele, os esforços neste sentido ainda são poucos. A imagem que se tem das técnicas modernas de produção agrícola ainda é melhor do que a da técnica mais artesanal da agroecologia. A modernidade quase sempre é associada a algo bom, e para reverter este quadro Edinei destaca a necessidade de maior divulgação.

O consumidor também age com preconceito ao escolher o produto. Buscando apenas a aparência, muitas vezes o comprador opta pelo produto convencional, que é maior e mais bonito do que o produto orgânico, que, principalmente durante o período de transição, apresenta sinais de ataque de insetos ou pragas. A conscientização proporcionada por uma maior divulgação dos benefícios dos produtos orgânicos também atuaria no sentido de modificar as preferências do consumidor, fazendo-o optar mais pela saúde do que pela aparência superficial: “O consumidor compra pelo olho, e ele vê um pé lá de alface, talvez picadinho umas folhas por pragas, ele não quer, ele quer um bonito, um grande, só que ele não sabe o índice que tem de agrotóxico embutido dentro daquele produto” (Eduardo).

É perceptível uma esperança de que esta situação mude, quando os extensionistas citam soluções como maior apoio governamental e maior divulgação dos benefícios da agroecologia. Constata-se, pois, que o grupo de extensionistas pesquisados percebe a agroecologia como uma *Técnica que sofre preconceitos e descasos*.

O extensionista como orientador e motivador agroecológico

O extensionista é o intermediário que transmite o conceito científico de agroecologia para o produtor rural. É o responsável pela orientação dos agricultores, assim como pelo incentivo desta prática. Ao serem questionados sobre a “diferença” que eles fazem com suas ações, as respostas foram no sentido de que sua contribuição é justamente ajudar o agricultor a fazer a “diferença”. Orientações e conscientização são partes da rotina do extensionista:

(...) não sou eu que estou fazendo a diferença; quem está fazendo a diferença são os produtores. A gente... nós... o técnico mesmo, não faz nada, ele simplesmente facilita o camarada, o produtor que está lá, a entender alguma coisa, ele só ajuda a encaminhar os pensamentos, quando tem alguma dúvida, alguma coisa, ele procura solucionar isso, mas de um jeito que o produtor que vá fazer, (...) você *tá* participando junto com o agricultor pra fazer, mas na realidade os resultados são todos dele (Emerson).

A importância das ações de extensão é medida pelos resultados obtidos e, embora existam dificuldades, os resultados melhoram com o tempo. Depois que o agricultor adquire certa experiência, o extensionista começa a interferir apenas quando há problemas a serem solucionados, como é exposto por Everaldo: “A gente tem notado aí que está dando resultado sim, a gente tem acompanhado o pessoal, e quando eles têm necessidade nos procuram”.

Elaine e Eduardo afirmam que o agricultor orgânico realmente depende do extensionista para executar o seu trabalho. Devido à complexidade que envolve as técnicas agroecológicas, as orientações e incentivos dos extensionistas possuem grande relevância para o sucesso da conversão. Mesmo que o agricultor não esteja interessado, o extensionista faz a sua

parte: “Eu acho que essa é a função do extensionista, é levar o melhor pro agricultor, se o agrotóxico tá errado, vamos levar uma alternativa pra ele, nem que ele não faça” (Eduardo).

(...) a gente percebe que o produtor, ele depende da assistência técnica para, assim, ele poder fazer o trabalho dele lá, mas não consegue se ele não tiver a instrução de alguém, né? E eu acho que isso é o papel da assistência técnica, então, eu acredito que sim, né? (Elaine).

Diante do exposto, observa-se que os extensionistas têm clara compreensão de seu papel intermediário como difusor de conhecimento e incentivador das práticas agroecológicas. Constata-se um processo de ancoragem, que aproxima o objeto da representação por meio da imagem da “dependência e da necessidade de fazer a diferença”, e o materializa na figura da representação social *O extensionista como orientador e motivador agroecológico*.

As Representações Sociais da Agroecologia para os Produtores

Nicho de mercado mais lucrativo

Primeiramente é importante destacar que foram entrevistados agricultores com dois tipos de produção rural. André, Anderson, Ana e Andressa têm como principais produtos as hortaliças; já Arnaldo, Aparecida, Antônia, Amara e Arlete produzem, principalmente, acerola. Devido ao fato de as cooperativas de produtores de acerola serem bem organizadas, e eles possuem clientes fixos, os agricultores percebem a agroecologia como um nicho de mercado muito mais lucrativo do que o convencional, enquanto os produtores que dão ênfase às verduras percebem a agroecologia como um nicho de mercado ligeiramente melhor para eles e que está em crescimento.

Como observado no discurso de André, ainda é difícil conseguir espaço entre os consumidores: “(...) o difícil é estar tentando convencer as pessoas a comprarem e demonstrarem interesse por aquele produto, por enquanto a gente ainda está correndo atrás do consumidor”. Ele também percebe, no entanto, que há melhoras no nível de procura nas feiras e nos mercados, embora ainda longe do ideal: “A gente *tá* indo nas feiras, *tá* assim, dia a dia a gente vê que *tá* melhorando, o pessoal está se interessando mais pelo produto e no mercado também, a gente já *tá* deixando um pouco no mercado, já *tá* sendo assim bem aceito, já”.

Como Anderson destaca, mesmo que o preço seja semelhante ao do convencional, o retorno para o agricultor ainda é melhor, pois há queda no custo de produção e na quantidade de problemas que o agricultor enfrenta: “O que chamou a atenção é que... a gente economizou mais, né? E os insetos mesmo, *diminuiu* bastante, isso chama a atenção da gente, né?”

Andressa reforça: “Tem bastante vantagem, eu acho. *Tipo*, ela dá mais trabalho, mas você economiza mais, que você já não gasta com adubo, não gasta com veneno, então, o rendimento é maior nesse caso. O custo sai bem menor”. Obviamente há o desejo da melhora no preço para, assim, conseguir melhorar a sua qualidade de vida.

Um dos motivos para isto, como também foi mencionado pelos extensionistas, é a falta de divulgação dos benefícios dos produtos orgânicos, no entanto mesmo os agricultores têm receio de divulgar, pois, como são em pequena quantidade, podem não conseguir suprir a demanda, caso haja aumento súbito de interesse.

Como referido anteriormente, a visão da agroecologia como um nicho de mercado lucrativo é mais bem percebida entre os produtores de acerola orgânica. Arnaldo explica, de forma sucinta:

Então, é... assim, a gente tem uma parceria com a associação de Cruzeiro, né? A gente entrega o produto na associação, tendo a certificação e a parceria com eles, o produto da gente vai tudo com a produção deles de

Cruzeiro, e a certificação a gente consegue com Emater. O valor agregado de, vou botar 100% com o convencional, aquilo que você consegue colher você vende (Arnaldo).

A satisfação com os ganhos da produção de acerola orgânica chega a ser radiante. Sorrisos, risadas e expressões faciais alegres são destaques no rosto dos agricultores quando a pergunta sobre a aceitação do mercado é feita. “A vantagem é que o preço do produto é melhor do que o do convencional, né? (risos). Cem por cento melhor, é indiscutível, acho que quem *tá* numa lavoura orgânica nunca mais quer voltar, por questão de preço” (Arnaldo).

O que chama a atenção é que desde que você prove que é orgânico, e graças a Deus nós provamos que é orgânico, a venda é fácil. Você vende fácil, tem um lugar certo para entregar. O produto é bem mais fácil para vender (...). A vantagem é que você tem o lugar certo pra vender, pelo menos por enquanto, mas tem ainda, graças a Deus, o convencional não é fácil não, te dá muito trabalho e se pegar ainda é lanchonete, restaurante, mas é muito pouco, e não vale a pena. Então o melhor é o orgânico em todos os sentidos (Antônia).

Faz-se necessário destacar que os produtores de acerola orgânica entrevistados situam-se na Vila Rural de Santa Eliza, no distrito de Umuarama. Suas propriedades foram cedidas pela prefeitura de Umuarama, e os moradores foram selecionados entre os mais necessitados do município.

Algo consensual entre os agricultores entrevistados é: a agroecologia proporciona melhorias na renda, sendo mais suave para os que produzem, principalmente, hortaliças, e mais visível para os que produzem, preponderantemente, a acerola orgânica. O movimento de aproximação do objeto da representação se dá por meio da carência financeira na qual os agricultores se encontravam antes do início da conversão, e a objetivação (materialização), por meio das imagens “redução de custos” e “aceitação do mercado”. A figura formada é a de *Nicho de mercado mais lucrativo*, ou seja, aquele que propicia melhor retorno financeiro de suas atividades.

Saúde para todos os envolvidos

Para os agricultores que produzem, principalmente, hortaliças, os benefícios à saúde são vistos como as principais vantagens do sistema agroecológico, como é citado por André: “Vantagem maior é a saúde mesmo, saúde das pessoas e do meio ambiente também”. Anderson explica os motivos: “É que é natural, né? Não tem químico nenhum, né? É saudável, né? Bem mais saudável. Essa é a diferença”. Anderson também destaca o menor cuidado necessário na hora de colher o alimento no sistema agroecológico, e que o risco de colher alimento contaminado é zero.

A comparação com o sistema convencional é frequente nos discursos. A possibilidade de realizar o seu trabalho sem pôr a saúde em risco é um dos motivos que levam os agricultores a realizarem a transição para o sistema agroecológico. Ana argumenta:

Acho que o orgânico... ele é saudável tanto pro produtor como pra quem consome, né? A gente não usa veneno, pois o veneno faz mal pra quem passa e quem vai consumir. Nem sei pra quem que faz mais mal, se é pra quem passa ou se é pra quem consome (riscos) (Ana).

Analisando os produtores de acerola orgânica, Arnaldo e Amara citam a melhora da saúde como uma das vantagens: “Eu acho que a questão da saúde mesmo em si, né? É uma coisa que você não está em contato com tanto veneno, sabe? Inclusive eu tive problema de saúde com veneno, o que me incentivou a entrar na cultura de orgânico, né?” (Arnaldo).

Os discursos expostos corroboram estudos citados na introdução, dando acesso direto a citações dos próprios agricultores que sofreram os danos causados por produtos químicos e tóxicos. A experiência destes agricultores os fez buscar formas alternativas de plantio que possibilitassem saúde não apenas para eles, mas sim *Saúde para todos os envolvidos*, pois é consenso que, produzindo de forma orgânica, a melhora da saúde é uma realidade para o agricultor, consumidor e para o meio ambiente.

Método que não agride o meio ambiente

Uma das primeiras lições passadas aos agricultores é sobre a importância de respeitar a natureza. Estes ensinamentos também influenciam as representações sociais dos agricultores entrevistados, como é percebido na fala de André: “Acho que, em primeiro lugar, a respeitar a natureza, respeitar aquilo que Deus deixou, mais ou menos da maneira que Ele deixou, né?”

Ana também destaca a preservação ambiental como uma das vantagens da produção agroecológica: “Ela preserva tanto a natureza, o rio, é saudável pro meio ambiente também. Eu não vejo desvantagens. Não tem desvantagem, o orgânico só ajuda”.

A comparação com o sistema convencional é frequente nos discursos analisados. É possível observar que a diferença entre os dois sistemas não está apenas na técnica, mas também na perspectiva do agricultor ao perceber o ambiente no qual vive. André cita o exemplo do mato, considerado no sistema convencional inimigo dos agricultores:

A gente mexia muito com a terra. Hoje a gente não mexe com a terra, procura preservar o máximo ela, faz só a roçada, né? O mato, aproveita o mato... antes não, antes a gente matava o mato com produto químico. A gente não sabia, não sabia que o mato era um amigo natural, a gente tem o mato como um amigo natural, e antes era um inimigo (André).

O sistema convencional é visto como um agressor do meio ambiente, e o sistema orgânico é o método correto que veio para evitar os problemas originados pelo sistema convencional. A imagem da saúde está fortemente ligada com a imagem do meio ambiente, como é percebido na fala de Ana:

Você, produzindo orgânico, você está contribuindo com o meio ambiente, eu acho que quando você usa o convencional você está agredindo o meio ambiente. Usar veneno não é saudável. O orgânico é uma maneira correta, acho que a gente deveria voltar, né? Antigamente não tinha veneno e não tinha adubo, né? E todo mundo produzia (risos) (Ana).

Desta forma, é possível observar que a ausência dos produtos químicos e tóxicos é percebida como benéfica tanto para o homem quanto para a natureza. A mudança na perspectiva do agricultor, fazendo-o ver como amigos certos elementos da natureza que antes eram considerados inimigos, é de fundamental importância para começarem a respeitar o meio ambiente. Sendo assim, com a união das figuras já mencionadas, é notável a representação social da agroecologia como *Método que não agride o meio ambiente*.

Considerações Finais

Um primeiro ponto em comum a ser observado é a importância da agroecologia para a melhora da saúde dos atores envolvidos no processo de produção de alimentos. Associar a melhora na saúde com o emprego de técnicas naturais de produção é a convenção mais perceptível ao se comparar os três atores envolvidos. Esta qualidade é usada como modelo, partilhando seus resultados com o conjunto social e com potenciais integrantes do sistema agroecológico.

Outro ponto merecedor de destaque é que os três atores pesquisados se tornaram plenamente conscientes da “força irresistível” que era imposta a eles pela estrutura do sistema convencional de produção de alimentos, tornando-a menos influente em suas vidas. Moscovici (2004) denomina essa “força irresistível” de prescrição, sendo considerada a segunda função das representações. Para este autor, quando a prescrição de uma representação não consegue mais controlar a realidade, ela perde poder e abre espaço para o surgimento de outra representação. Este processo pode ser observado no contexto da presente pesquisa, com o crescimento da adesão ao sistema agroecológico de produção.

A integração dos trabalhos dos três atores é notável no presente trabalho, no qual os pesquisadores testam cientificamente produtos e processos com o objetivo de facilitar o trabalho do agricultor agroecológico, tendo em mente que não existirão prescrições genéricas; os extensionistas passam esse

conhecimento para os agricultores, tendo dificuldades quanto à transição e à aplicação do conhecimento; e os agricultores passam por grandes dificuldades para se adaptarem a este novo sistema. A complexidade do sistema agroecológico é compartilhada pelos três atores.

Os aspectos afetivos, também citados por Jovchelovich (2000) como partes integrantes das representações, são bem perceptíveis de forma negativa nas representações sociais: *Técnica que sofre preconceitos e descasos* (dos extensionistas), *Ciência subestimada e malcompreendida* (dos pesquisadores), e para os agricultores há o medo de divulgarem seus produtos e não conseguirem suprir a demanda. Pelo fato de a agroecologia ainda ser desconsiderada tanto no âmbito científico como no técnico, o sentimento de solidão é comum aos três atores abordados.

Os pesquisadores sentem isso com a falta de cientistas na área e pouca ajuda daqueles de outras áreas; os extensionistas o percebem com o descaso de colegas convencionais e com a falta de apoio da instituição e os agricultores notam isso com o mercado agroecológico ainda insatisfatório.

Por outro lado, não são poucos os afetos que influenciam na compreensão da realidade dos atores e que os motivam à ação, terceira e última parte das representações sociais mencionada por Jovchelovich (2000). O desejo e a paixão pela construção de um mundo melhor é o que mais motiva os extensionistas e os pesquisadores; já os agricultores, no geral, motivam-se com a possibilidade de obtenção de melhor saúde e situação financeira para eles e suas famílias, e ainda contribuírem com a preservação do meio ambiente como consequência. Nenhum dos 20 entrevistados expressou desejo de voltar a trabalhar com o sistema convencional, pelo contrário, todos gostariam que ainda mais pessoas participassem da agroecologia.

O processo recursivo na construção social da realidade é evidente na análise das representações sociais dos três atores. Isso ocorreu tanto para os pesquisadores e extensionistas que negaram o paradigma vigente e decidiram contribuir de forma construtiva para a difusão de correntes de pensamentos

alternativas, influenciando na formação social, como para os agricultores que aceitaram participar desta construção social dentro de um sistema sustentável, contribuindo para a criação e difusão do conhecimento.

O preconceito existe tanto para os extensionistas do Emater quanto para os pesquisadores do Iapar. A grande maioria dos funcionários destas instituições segue o sistema convencional e tem a visão de mundo de que esta é a única verdade possível, e isso gera um sentimento de marginalização profissional por parte daqueles que têm diferentes perspectivas.

Sendo assim, conclui-se que o objeto da representação é uma realidade que enfrenta obstáculos por ir contra a corrente moderna de pensamento vigente. As representações remodelam e reconstituem elementos do ambiente, fornecendo o sentido por meio da objetivação e ancoragem em um processo cíclico, pois o ator precisa voltar as suas referências ao ancorar as novas representações sociais obtidas.

Referências

- ANDRADE, Jackeline Amantino; MESQUITA, Zilé. A certificação de produtos orgânicos e seu processo de institucionalização no Brasil. In: Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração. *Anais...* Rio de Janeiro: Anpad, 2003. CD-ROM.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Análise multidimensional da sustentabilidade: uma proposta metodológica a partir da agroecologia. *Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável*. Porto Alegre, v. 3, n. 3, jul./set. 2002.
- EMATER. Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural. *Processo agricultura orgânica*. Disponível em: <<http://www.emater.pr.gov.br/emater.php?emater=2&mid=87>>. Acesso em: 29 ago. 2008.

EMATER. Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural. *Produção orgânica do Paraná – safra 2006/2007*. mensagem pessoal recebida por <gilbertoguerra2003@hotmail.com em 1º jun. 2009.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GODOI, Christiane Kleinübing; BALSINI, Cristina Pereira Vecchio. A pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais brasileiros: uma análise bibliométrica. In: GODOI, Christiane Kleinübing; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson Barbosa da (Orgs.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2006.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAMARCHE, Hugues. *A agricultura familiar*. Campinas: Unicamp, 1993.

MAY, Tim. *Pesquisa social: questões, métodos e processos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo; Rio de Janeiro: Hucitec; Brasco, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTOYA, Marco Antônio; GUILHOTO, Joaquim J. M. Mudança estrutural no agronegócio brasileiro e suas implicações na agricultura familiar. In: TEDESCO, João Carlos (Org.). *Agricultura familiar: realidades e perspectivas*. Passo Fundo: UPF, 2001.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, Denise (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2004.

RAUDSEPP, Maaris. Why is it so difficult to understand the theory of social representations? *Culture Psychology*, Sage Publications: London, Thousand Oaks-CA and New Delhi, vol. 11(4), p. 455-468, 2005.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. A sociologia dos processos sociais agrários na perspectiva do século XXI: realidade e utopia. In: TEDESCO, João Carlos (Org.). *Agricultura familiar: realidades e perspectivas*. Passo Fundo: UPF, 2001. p. 7-11.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1998.

TEDESCO, João Carlos. Apresentação. In: TEDESCO, João Carlos (Org.). *Agricultura familiar: realidades e perspectivas*. Passo Fundo: UPF, 2001. p. 7-11.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. Por uma boa pesquisa (qualitativa) em administração. In: VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; ZOUAIN, Deborah Moraes. *Pesquisa qualitativa em Administração*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

Recebido em: 8/8/2012

Acesso em: 21/3/2013